

PROJETO PARA A EDUCAÇÃO DO SENHOR DE SAINTE-MARIE

Antônio Marcos Alves Sá¹

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie**. Edição bilíngüe (francês e português). Trad. Dorothee de Bruchard. Porto Alegre: Paraula, 1994. 103 p.

No *Projeto para educação do Senhor de Sainte-Marie*, Jean-Jacques Rousseau elabora os planos para a educação dos filhos do Sr. Jean Bonnot de Mably. A intenção do autor é promover o pleno desenvolvimento da dimensão humana, tema que desde 1740 estava evidenciado no pensamento, nas formulações teóricas de Jean-Jacques Rousseau: "*o objetivo que devemos nos propor na educação de um jovem é o de formar-lhe o coração, o juízo e o espírito*" (1994, p. 45).

Rousseau ratifica a importância da figura do educador, chamado mestre, como o primeiro passo rumo à educação adequada do indivíduo. A formação do coração caminha paralelamente com a educação da natureza, que pode ser definida como o primeiro mestre, responsável pelas primeiras lições.

Estas lições incluem o autoconhecimento e o controle das paixões, capacidades, habilidades, etc, que implica resguardar o coração da criança, e suas virtudes naturais, condicionantes das ações humanas. *O amor de si*, por exemplo, degenera-se em *amor próprio* por falta de uma ação educativa adequada. Fica latente, o pragmatismo e o compromisso com a idéia de fortalecer a figura do mestre, enquanto ponto fundamental no processo pedagógico. Fica clara a importância da autoridade e da estipulação de regras rigorosas, mas também negociáveis na relação educador-educando.

A negociação de certas regras, não todas, dá-se no âmbito da recompensa pelas boas ações e pelo empenho na aprendizagem dos conteúdos. No que contempla a autoridade, o autor menciona a importância do bom preparo e da disciplina, imposta de forma direta, sem mediações, pelo

mestre: "... não posso, portanto, exigir menos do que ser por ele amado, temido e estimado" (1994, p. 37).

No entanto, Rousseau não defende uma educação, por assim dizer, depositária, mas sim ordeira. Ou seja, não é apenas o empilhamento de conhecimentos científicos que garantem uma educação eficaz. Isto se reflete nos seus comentários a respeito da religião e moral, não descartados do processo de formação dos alunos, mas vistos como complementos que não merecem estudos regradados, apenas conversas e exposições menos formais. Tal procedimento contribuiria para uma melhor fixação dos conteúdos propostos, quais sejam a educação como manutenção dos *bons costumes* e, ao mesmo tempo, correção dos maus, segundo Rousseau.

Rousseau, mesmo estando convencido do imprescindível exercício dos sentidos, enxerga a racionalidade como elemento constitutivo fundamental na formação do aluno. Enquanto preceptor defende a idéia de que "um homem de bem quase sempre pensa exato" (1994, p. 61). Da mesma forma, considera o convívio social de suma importância, uma vez que sua proposta é a de preparar cidadãos que venham a se integrar à sociedade, como forma de exercício da liberdade, e no caso do Senhor de Sainte-Marie da "alta sociedade".

Reiterando sua proposta, Rousseau indica para os primeiros três anos de estudos, o latim e a geografia, buscando focalizar apenas os ensinamentos básicos. No caso do latim, não a crítica aos pensadores clássicos, mas traduzir se necessário as belas obras e fomentar o gosto pela literatura.

Após esta introdução ao currículo escolar, nos primeiros anos, Rousseau partiria para o ensino da História e da Geografia. Primeiramente,

¹ Graduado em Ciências Sociais e aluno do Curso de Especialização em Pesquisa Educacional pela UEM/PR.

com noções básicas, sem muito rigor, da mesma forma como foi tratada a disciplina de latim, resguardando o aluno do tédio e da falta de motivação. Rousseau deixa explícita sua preferência pela história moderna, principalmente para aqueles que futuramente seguirão a carreira militar.

Os estudos mais aprofundados ficariam para uma idade mais avançada, já que o convívio com o aluno é parte de um processo, que não tem caráter imediato. Rousseau menciona ser salutar neste processo pedagógico, repassar conhecimentos concernentes ao grau de maturidade do educando. Este não deverá ser exposto a estudos que ainda não tem a capacidade de assimilar, e neste momento “a retórica, a lógica e a filosofia escolástica” seriam campos de conhecimento, considerados pelo autor, supérfluos e não indicados até que o educando tenha chegado à juventude, momento exato para iniciá-los (1994, p. 96-97).

Embora haja no discurso de Rousseau um “tom” de modéstia, digo isto, em função das suas falas, em que se mostra pouco entendido ou não muito indicado para o ensino de história, latim e também das ciências supracitadas, parece-nos uma forma polida de realizar sua censura ao *status quo* e ensinar aquilo que lhe convém dentro de base de

seu pensamento político. Rousseau é um “contratualista” e, deste modo, não enxerga objeções a uma “liberdade vigiada pela lei”, é um liberal, que tem sua visão particular da igualdade.

Este é um conceito definido pela igualdade entre os que estão no mesmo nível de “espírito e coração”, como ele mesmo menciona no início de sua exposição do Projeto para Educação do Senhor de Sainte-Marie, fazendo desta obra um texto singular.

Tal singularidade está presente na exposição do pensamento de um Rousseau que acompanha os momentos pré-revolucionários, no ano de 1740. Momentos em que o próprio autor buscava sua afirmação. Com a publicação *Do Contrato Social* e do *Emílio ou da Educação*, em abril e maio de 1762, respectivamente, obras mais complexas, realiza uma crítica contundente às contradições sociais que ora se apresentavam. Além disso, esboçava uma preocupação em combater os maus hábitos, a negatividade de um processo asseverado de contradições sociais, também no âmbito da educação. Estes dois momentos são elementos fundamentais da singularidade de sua obra.

Recebido:10/11/2009

Aceito:10/02/2010

Endereço de correspondência: Antônio Marcos Alves Sá" <amasa@uem.br>